

A ESCASSEZ DE VERDADEIROS MINISTROS

WILLIAM PERKINS

O texto de Jó 33 continua descrevendo os mensageiros como “um dentre mil” (v.23). Aqui, na segunda parte da descrição, a ênfase é posta sobre a raridade ou escassez de bons ministros. Isto é sublinhado por meio de uma expressão muito pouco comum. Um verdadeiro ministro, alguém que é um genuíno anjo e um verdadeiro intérprete, não é um homem comum ou ordinário. Tais homens são raros nesta terra, um entre muitos – de fato, “um dentre mil”.

Isto pode ser tomado tanto em seu sentido literal como figurado. Em sentido figurado, isto é verdade dos ministros em e de si mesmos; em sentido estrito, literal, a comparação é com todos os homens. De acordo com o sentido figurativo, hiperbólico: entre todos os ministros, nenhum de muitos é de fato um anjo e um verdadeiro intérprete. De acordo com o sentido primário e literal: entre os homens deste mundo, não há um em mil que prove ser um verdadeiro ministro.

Nós devemos notar três coisas em conexão com esta afirmação: a sua verdade, as suas razões, e a sua aplicação:

A verdade dessa afirmação é auto-evidente pela experiência de todas as eras. É estranho, mas verdadeiro, que poucos homens de qualquer tipo, especialmente homens de qualidade, busquem o chamado de um ministro. O que é ainda mais estranho é que tão poucos daqueles que levam o título de “ministros” merecem os honoráveis nomes de anjo e intérprete. A verdade é tão óbvia pela experiência comum que não necessita ser exposta. Ao invés disto, deixe-nos mostrar as razões para esta situação. Elas são principalmente as que seguem:

Primeira, o desprezo com o qual a vocação é tratada. Ela é sempre odiada pelos homens perversos e irreverentes porque revela sua imundície e desmascara suas hipocrisias. O ensino dos ministros é freqüentemente uma preocupação corrosiva sob suas consciências, prevenindo-os de cair e se esbojar quieta e secretamente em seus pecados – como eles viriam a fazer sob outras circunstâncias. É por isso que eles rejeitam tanto a vocação dos ministros quanto seus ministérios. Eles os assistem fecharem-se sobre seus menores fracassos, na esperança de desgraçá-los. Eles imaginam que menosprezando a vocação do pregador podem remover a vergonha de suas próprias condutas vis.

É inevitável que eles devam odiar aqueles que são chamados ao ministério, uma vez que eles alimentam ódio mortal tanto pela lei quanto pela mensagem do evangelho que eles trazem, e pelo Deus que eles representam. Foi a experiência deste ódio e desgraça em um mundo perverso que fez Jeremias clamar: “Ai de mim”, e o fez, de sua própria perspectiva humana, “amaldiçoar o tempo em que foi profeta”. Ele diz, ‘Sou homem de contendas’ (Jr. 15:10). Vê-se que todos estiveram em conflito e inimizade com ele.

A segunda razão é a dificuldade de desempenhar os deveres do chamado de um ministro. Permanecer na presença de Deus, entrar no santo dos santos, pôr-se entre Deus e seu povo, ser a boca de Deus para o seu povo, e a do povo para Deus; ser o intérprete da lei eterna do Velho Testamento e do perpétuo Novo Testamento; permanecer e sustentar o ofício do próprio Cristo, cuidar da saúde das almas – essas considerações subjagam as consciências daqueles que se aproximam com reverência e sem precipitação do posto santo de pregador.

Foi isso que fez o apóstolo Paulo clamar, “Quem é suficiente para estas coisas?” (2 Co. 2:16). E se Paulo disse, “Quem é suficiente?” Não é de surpreender que muitos outros digam, ‘Eu não sou suficiente’, e assim removam seu pescoço deste jugo e suas mãos deste arado, sem que sequer Deus mesmo, ou sua igreja, os pressione a tanto.

A terceira e última razão é especialmente relevante para os ministros na era do Novo Testamento, e é a inadequação das recompensas e status financeiro dados àqueles que recebem este chamado.

Todos os homens são carne e sangue. No que diz respeito a isto, devem ser fascinados e ganhos para abraçar esta vocação por meio dos argumentos que possam bem persuadir carne e sangue. O mundo tem tido uma atitude descuidada sobre isto a cada era. Conseqüentemente, na lei, Deus deu cuidadosas instruções para o cuidado dos Levitas (Num. 18:26). Porém de forma especial agora, sob o evangelho, o chamado ministerial é pobremente provido, muito embora deva ser recompensado mais do que todos. Certamente seria uma honrável política cristã fazer, no mínimo, boa provisão para estes vocacionados, de forma que homens dignos de recompensa possam receber por isto.

A falta de tal provisão é a razão por que tantos jovens com habilidades incomuns e grandes perspectivas se voltam para outras vocações, especialmente o Direito. As mentes mais perspicazes de nossa nação estão empregadas. Por quê? Porque na Prática Legal eles têm

todos os meios para seu progresso, enquanto que no ministério, em geral, a renda é nada mais do que uma clara estrada para a pobreza.

Esta é uma grande blasfêmia sob nossa igreja. Tomara não seja verdade que os católicos romanos, os filhos deste mundo, são mais sábios (nesta área específica) do que a igreja de Deus. A reforma aqui é uma obra que custa o trabalho tanto do príncipe quanto do povo.

A menos que especial atenção seja dada a este assunto, isto será deixado sem reforma. Sem dúvidas, no período do Velho Testamento, se o próprio Deus não desse ordens diretas para o suporte material dos Levitas, eles sofreriam as mesmas privações que os ministros hoje sofrem. Essas considerações, tomadas juntas, produzem um argumento infalível. Pois quem irá aceitar tão vil desprezo e tão pesada responsabilidade sem recompensa? Porém, onde há um tal desprezo e um tal peso, e uma recompensa tão pobre, é de se maravilhar que um bom ministro seja um dentre mil?

Agora devemos aplicar este ensino. De fato ele conduz à múltiplas aplicações e provê diretrizes para uma variedade de pessoas:

Em primeiro lugar, os juízes e magistrados são ensinados aqui que se bons ministros são assim tão escassos, a fim de mantê-los e aumentá-los, eles devem fazer tudo o que puderem para que as “escolas de profetas”, aquelas universidades, faculdades e escolas concedam o verdadeiro ensino que são os seminários para o ministério.

O exemplo de Samuel é digno de imitação. As escolas de profetas floresciam em seus dias. Saul fez muito estrago em Israel, mas quando veio às escolas dos profetas, mesmo seu coração duro cedeu. Ele não pôde fazer nenhum dano a elas, de fato, ele pôs seu manto de lado e profetizou entre eles (1 Sm. 19:20-24). Do mesmo modo, todos os juízes e magistrados cristãos devem promover a causa dessas escolas, e cuidar que estejam bem mantidas e providas. Essa é uma conclusão óbvia e indubitável.

Um bom ministro é um entre mil. Portanto, se seu número deve ser aumentado, as instituições de treinamento devem ser bem mantidas. Para apoiar o reino de Satanás, o Anticristo é zeloso em erigir universidades e apoiá-las financeiramente, sendo seminários para suas sinagogas (em Roma, Rheims, Douai e assim por diante)¹. Ele emprega ativos meios para semear suas taras nos corações dos jovens, e estes, por

¹ N. do E.: Perkins está se referindo aqui aos centros de ensino que fortaleceram a Contra-Reforma católica romana. De Douai e de Rheims, sacerdotes cuidadosamente treinados migraram para várias partes da Europa para defender e propagar o catolicismo romano.

sua vez, irão semeá-los nos corações das pessoas mundo afora. Não devem os magistrados cristãos serem tão cuidados quanto, ou até muito mais zelosos do que eles em aumentar o número dos bons ministros? Baal terá seus 400 profetas e Deus apenas seu Elias (1Reis 18:22)? Envergonhem-se de Acabe, ou de qualquer rei cujo reino se encontre em tal estado.

A diligência dos jesuítas para ensinar é tal, e tal é a prontidão de alguns de seus pupilos para aprender (sem dúvida o próprio demônio lhes auxilia nisto), que em três anos (como alguns deles dizem de si mesmos) fazem considerável avanço no ensino humano, e em quatro, na teologia. Se é assim, então esta pode ser uma boa lição para nossas próprias escolas, e um incentivo para persuadir aqueles que governam a trabalham encorajando e acelerando o avanço da aprendizagem através dos meios apropriados. Isto faria ruborizar alguns dos que gastam muitos anos nas universidades mas, apesar disto, nunca provam ser “um dentre mil”.

Pela misericórdia de Deus, em nossas escolas muitos jovens árvores têm sido plantadas junto às correntes de água de um piedoso pomar. Devido à cuidadosa inclinação e forma que possuem, provarão ser boas árvores no templo de Deus e fortes pilares na igreja. Mas ainda são como tenras plantas, e devem ser observados. Com os magistrados e homens de posição provendo recursos, e os diretores de nossas escolas estabelecendo a boa ordem e estando centrados em sua tarefa, se verá que aquelas plantinhas terão umidade bastante para crescerem rapidamente até a plena maturidade. Então se verá que é chegada a hora de transplantá-las para a igreja e a comunidade.

Estas são as árvores citadas em Ezequiel 47:7, que crescem junto às correntes das águas que fluem do santuário. A água do santuário deve nutri-lás, para que cresçam até a estatura ideal. Mas, retire tais águas, retire a liberalidade dos magistrados, e a boa disciplina das universidades, e tais árvores irão inevitavelmente mirrar e murchar. Se isto acontecer, então o pequeno número de bons ministros se tornará ainda menor, e se agora é “um entre mil”, será um entre dois mil.

Em segundo lugar, os próprios ministros precisam aprender estas lições:

1. Se bons ministros são assim tão escassos, devemos ter grande cuidado para não diminuir seu número. Cada homem deve, portanto, trabalhar em primeiro lugar para tornar-se capaz, e então para desempenhar de forma consciente seu dever; a saber, ser um anjo,

entregar fielmente a mensagem de Deus, e ser um verdadeiro intérprete posto entre Deus e seu povo. Se você faz assim, mesmo a despeito do número dos bons ministros ser pequeno, você não irá fazê-lo menor.

2. Se os ministros são poucos em número, então faça tudo o que puder para aumentar esse número. Quanto mais ministros, menor o fardo posto sobre cada ministro individualmente. Assim, que cada ministro em seu ensino e em sua conversação trabalhe de tal modo que honre o seu chamado, a fim de que outros possam ser atraídos a partilhar de seu amor pelo ministério.

3. Os bons ministros são assim tão poucos sobre a terra? Há assim tão poucos deles? Então que os bons e piedosos ministros estendam suas mãos em comunhão (Gl. 2:9) e unam-se em amor. Desse modo irão armar-se contra o desprezo e o desdém do mundo.

Aqueles que pertencem a uma família, ou irmandade, ou qualquer tipo de sociedade, sabem que quanto menores forem em número, mais intimamente devem combinar recursos e mais firmemente devem unir-se contra uma força externa. Os ministros de Deus devem fazer do mesmo modo, porque são muito poucos em número. Se fossem numerosos, haveria menor perigo em dividirem-se. Mas como são poucos, é algo da maior importância para eles evitar divisões, e todas as ocasiões de debate, e darem as mãos contra adversários comuns.

Em terceiro lugar, jovens estudantes são aqui ensinados — uma vez que um verdadeiro ministro é senão “um entre mil” — a dirigirem seus estudos e pensamentos ao ministério. Relembre o antigo provérbio: “O que é bom custa caro.”

É verdade indubitável que há tão poucos bons ministros em razão de o santo ministério ser um tão alto e excelente chamado. Mas enquanto é lamentável que haja tão poucos bons ministros, isto também enobrece o chamado. Tal é a honra e a excelência do chamado de ministro que, visto como só um dentre milhares atende a ele, somente homens com habilidades notáveis são aqui convidados a dedicarem-se à esta excelente vocação. Sim, a própria razão irá impulsionar um homem a ser “um entre mil”!

Além do mais, como os estudantes aspiram a este raro e excelente chamado, eles devem aprender a equiparem-se com as melhores ferramentas e meios que puderem, a fim de tornarem-se verdadeiros ministros e hábeis intérpretes. Não devem se demorar muito naqueles estudos que mantêm um homem fora da prática deste alto ofício. Porque o chamado não é para viver na faculdade ou universidade e estudar,

muito embora se deva estar ansioso por devorar o conhecimento. Isto basta para ser um bom ministro. É isto que faz um homem ser “um entre mil”.

Em quarto lugar, aqueles que ouvem a pregação dos ministros são também ensinados sobre seus deveres. Isto é, primeiramente, respeitá-los e respeitosamente receber a mensagem de todo verdadeiro mensageiro, porque é algo muito raro encontrar um verdadeiro ministro. Nada é pior ou mais desprezível do que ministros maus e imorais. O próprio Cristo os compara ao sal que se tornou insípido — que serve apenas para ser lançado fora e pisado pelos homens (Mt. 5:13). Do mesmo modo, ninguém é digno de mais amor e reverência do que um santo ministro. Como disse Isaías: até mesmo os pés do que anuncia boas novas são belos (Is. 52:7). Deveríamos beijar os pés daqueles que trazem boas novas de paz. Os cristãos devem, portanto, receber e tratar um bom ministro como Paulo disse que os galátas o trataram: “como um anjo de Deus” (Gl. 4:14).

Você tem um pastor piedoso? Converse com ele. Vá a ele para ser confortado e aconselhado; desfrute de sua companhia, esteja freqüentemente sob a sua tutela; o considere digno de “dobrada honra” (1Tm. 5:17). Nunca imagine que é algo desnecessário ou coisa de somenos agradecer por ter “um entre mil”. Agradeça a Deus por conceder esta misericórdia a você, enquanto ele está condenando a tantos outros. Porque alguns não têm nenhum ministro enquanto que outros têm um ministro que, de fato, não chega a ser “um entre mil”.

Além do mais, os pais devem aprender a consagrar seus filhos a Deus para a obra do ministério, já que é algo tão incomum e glorioso ser um bom ministro. Todo homem pode considerar-se feliz e honrado por Deus se é pai de um filho que prova ser “um entre mil”.

Para concluir brevemente este ponto, uma vez que bons ministros são tão escassos, devemos todos aprender a “rogar ao Senhor da seara que envie trabalhadores para Sua seara” (Mt. 9:38). Devemos orar também por aqueles que já foram chamados, para que Deus possa fazê-los fiéis no desempenho deste alto ofício. Vamos orar para que o número dos bons ministros possa ser aumentado, como Eliseu quando pediu a Elias que o bom espírito estivesse sobre ele em porção dobrada (2Rs. 2:9). Pois um bom ministro é “um entre mil”.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho.
Fonte: *The Art of Prophesying* p. 93-101.